

MARTINS PEREIRA
SC1. VID / PÚBLICA
SSC1. SEIT
SR18. COFRESP

1/2

Exmo.
X. Sen.

Eng. Martins Pereira



ROGÉRIO FERNANDES FERREIRA

MARTINS PEREIRA
SC1. VID / PÚBLICA
SSC1. SEIT
SR18. COFRESP.

1/2

Caro Eng. Martins Pereira

Relei agora o seu artigo "Carta aberta a Melo Antunes" escrito há quatro meses e parece-me que não se verificam as rupturas que considerava (e também) necessárias. Não se verificam a austeridade (corte drástico nas importações), a máxima e mais racional utilização dos

Rogério Fernandes Ferreira

2

Av. Est. Unidos América do Norte, 97 1.º Esq.
Telef. 7277 94 — LISBOA-5

equipamento produtivo, a efectiva e ²
realista mobilização popular (continuam
as insensatas reivindicações em empresas nacio-
nalizadas e a extensão do leque salarial
aos dirigentes designados pela Revolução).

Cumprimentos d

Copef



MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PÚBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORRRESP. /3



Ex 25.3.71 - 1/1

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Ministro sem Pasta Major Vítor Alves

Caro Major Pereira

Deixando assim a favor que se
que sempre, venho agradecer-lhe
e o ótimo colar, fende e
deixa-lhe as minhas felicitades
despacho de
nosso cargo ao senhor e ocupar
a sua casa de Lisboa



MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PÚBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORRRESP. /4

1/1

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Ministro sem Pasta Major Vítor Alves

Exmo. Senhor

Engº Martins Pereira

Rua Ribeiro Sanches, 22 - r/c

LISBOA - 3



Leste 31/3/75

4/1

Caro Senhor Resende

Com grande prazer, hoje me
reunirei a alguns amigos
despachando as maiores felicidades
ao meu corpo, que me é muito
fiel.

Uma boa noite com certeza que um
encontro sempre.

Toda a gente sempre que
pode que qualquer celebração muito
pode ser útil.

Com carinho de um
amigo

Antônio



MARTINS PEREIRA
SC1. VID / PUBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORESP. /6



Exmo. Senhor

Eng. João Martins Pereira

Rua Ribeiro Sanches, 22-r/ch.

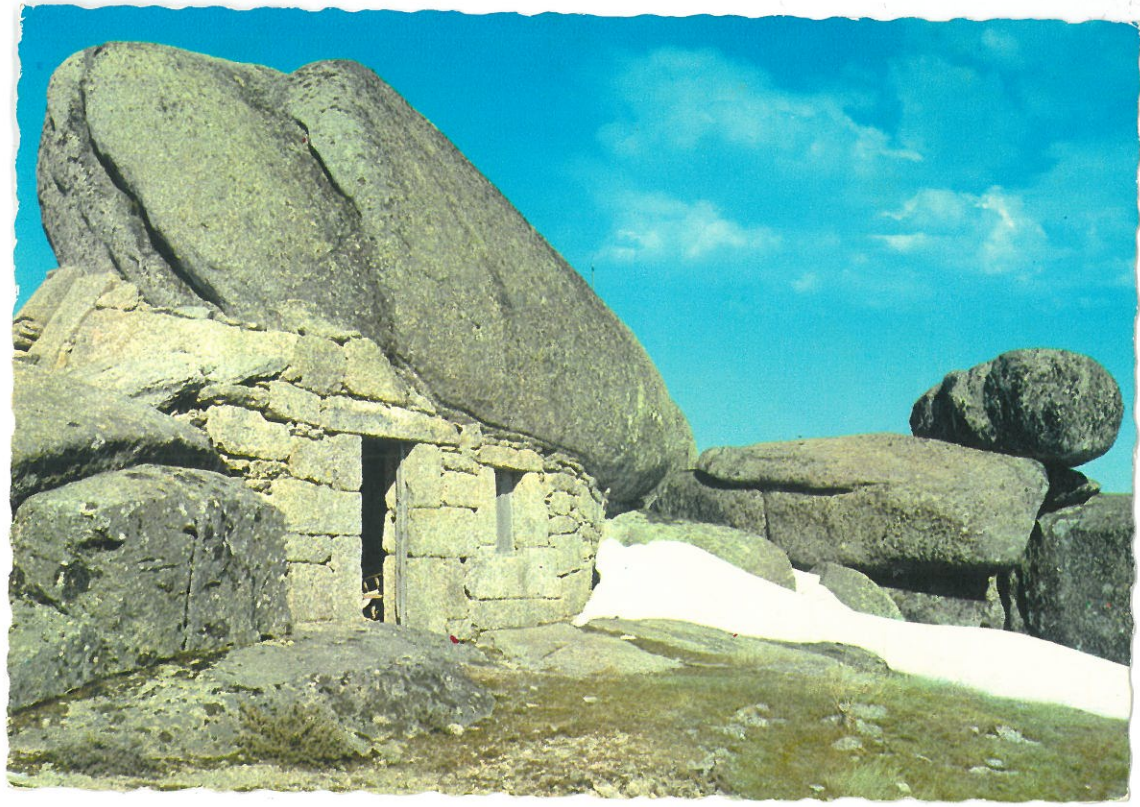
LISBOA-3



JOSÉ D. VISTULO DE ABREU

*Rua Pêro da Covilhã, 5
Lisboa 3*

2



Dá para ter polícia à porta? Pense
D. Graca é em Leiria - li - em v
704 - SERRA DA ESTRELA - Portugal
Aspectos da Serra
Aspects des montagnes
Views of the mountain
Portugal Turístico
um ovo de páscoa
coz ao ti - is -
Têio. Depois não d'jes q
não te avisam.

MARTINS PEREIRA
SC1. VID. PÚBLICA
SSC1. SEIT
SR18. COLESP

17 1/2



Joem
que a Indústria
te seja leve, c'as
vezes há cede ca-
lhan

Um abraço

Alda

(Eu apuro to, clau, pau)

Dist. por RAN - LISBOA
R. Da Quistinha 70 B - tel. 690.192 - 661.514

descansa o wstado/sau d. des i fctm

JOÃO MARTINS PEREIRA

R. Ribeiro Sanches, 22, 1/c

LISBOA 3



*Com a tua promessa, os portugueses aliam-se
para os seus espíritos dirigidos, um
dos espíritos que mais incansavelmente os
tem feito meditar. Um abraço de*

JOÃO NUNES DE ALMEIDA
ENGENHEIRO

MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PÚBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORRRESP. /8

Rua Damasceno Monteiro, 3, 2.º-Esq.
Telef. 86 38 65

LISBOA

Ev^{mo} BEUHOR

MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PÚBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORRRESP. /9

EUGENÁRIO JOÃO MARTINS PEREIRA

R. RIBEIRO SANCHEZ 22 n/c

Lisboa 3



de: José Nunes de Almeida

R. Damião Aponteiro nº 3-2º Bay

Lisboa 1

2

TELEGRAMA

7244

24

5128

PREÂMBULO : estação de origem - número de ordem - quantidade de palavras - data - hora de aceitação

TX**E**S**T**O E A**S**SINATURA | ENDE**R**EÇ**O**

TRABALHADORES DA MUNDET CUMPRIMENTAM E SAUDAM SUA ENTRADA
NO GOVERNO CONFIANDO ACTUAÇÕES PROGRESSISTAS CONDUZAM AO
ESTABELECIMENTO DE UM PORTUGAL RENOVADO
TRABALHADORES DA MUNDET SEIXAL E MONTIJO

MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PUBLICA
SSC1. SEIT
SR18. CORRISP,

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO
25 DE ABRIL

Indicações de serviço

72-T

Lisboa, 18 Julho 1975

1/1

Meu caro Martins Pereira

Não sei se em idênticas circunstâncias eu teria tomado a mesma atitude, mas isso é um caso que só cada um sabe, até onde pode suportar o indefinir-se continuamente

Já não é mais possível saber o que separa o Sr. Freilás do Amoral do Sr. Mário Soares, já chegou ao seu termo o princípio de que adiar é resolver.

A sua demissão não é uma renúncia, é um desafio que os órgãos da governação não podem ignorar.

Se nesta época, o apoio moral individual ainda tem para si algum valor no mercado das relações humanas, aceite o meu, magra consolação para tão tormentosa decisão

Com abraço

J. Nascimento





UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE FARMÁCIA



Ex.^{mo} Sr.

Eng. João Martins Pereira

Rua da Horta Seca, nº 15

particular

L I S B O A



2

AV. DAS FORÇAS ARMADAS

TELEFS. 76 11 19/20/25/28/31

LISBOA-4

PORTUGAL

Jose Carlos Carneiro

MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PÚBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORRESP. /14

UM PAÍS
NOVO
MFA
POVO

Exm^o. Senhor,

Eng^o. JOÃO MARTINS PEREIRA
Rua Ribeiro Sanches, 22 r/c

Lisboa 3

IMPRESSÃO



Dr. JOSE CARLOS DA SILVA PAIS DE SOUSA 2
Av^a. Assis Chateaubriand lote 10-32.-Esq.

Oeiras

OS INDEPENDENTISTAS (TERCEIRO
MUNDANISTAS) E O NARIZ DE DE
CLEOPETRA

Algumas personalidades "independentistas" que nunca arriscaram uma unha no passado vêm-se desfazendo em análises e contribuições para a situação política actual. Chegou a altura do Verbo!

Quem são? O que representam? O que têm atrás de si? Tal como as borboletas rondam as flores no tempo de Primavera alguns aristocratas pensantes (daqueles que Vladimír afirmava que abordavam tudo e não concretizavam nada) resolveram sair do casulo, das góias doiradas dos Gabinetes para irem "namorar" agora os centros de poder!...

Por cima dos partidos e da luta de classes, fora das massas com quem nunca tiveram contacto, vendo o País à escala da sua aldeia que sempre foi Lisboa, estes recém fazedores da história, que falam em nome do Povo a que não pertencem, ainda não se deram conta que no processo histórico português nem se quer desempenharão o papel do nariz de Cleopetra!!!

A saída do Governo de uma desses raros seres pensantes que possui esse pequeno luxo de não receber ordens de quaisquer grupos ou partidos e mantem o privilégio (e a vulnerabilidade também) de pensar pela sua cabeça obriga o Povo Trabalhador português a ouvir a sua analítica justificação a quatro colunas no discursivo do EU.



Analisando a actuação dos partidos, que nunca conheceram porque fazia correr riscos, metem, em boa tática oportunista, tudo no mesmo saco cobrindo a análise com as figuras e as frases estereotipadas do tempo da guerra fria.??!

O culto da facilidade mesmo quando impregnado de uma certa linguagem intelectualizada é uma das características desta gente...

Em nome dos sacrosantos princípios *de independência e de luta* em nome do povo trabalhador português, em nome da revolução eu aceito os meus riscos. Dêmito-me (ou quero ficar)...

Vamos lá a ver. Em nome destes mesmos princípios alguns destes senhores não se coibiram de serem directores de empresas de certos grupos portugueses, nem de serem directores-gerais da confiança do regime dito da Primavera-Caetanista, nem advogados do grande capital... mas em nome da respeitabilidade da revolução teórica, no caso vertente, o que é que pode fazer um membro do Governo...

A estes senhores não lhes faria mal ler o nosso clássico Matias Aires nas suas "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens". Aqui fica uma citação: "buscam a ciência para a mostrarem, o seu objecto principal é a ostentação, e assim não é a ciência que buscam, mas a reputação".

Uma coisa é certa; não podiam ter aproveitado melhor a situação para aumentarem artificialmente a confusão. Na verdade, há sempre bons pescadores de águas turvas... A classe operária portuguesa pelos actos os julgará...

Para que fique: Laus in ore proprio vilescit.

António Vilela Silva

MARTINS PEREIRA
SC1. VIG/PUBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORRESP. /16



Ao Anti comunista.

Ex- Secretário de Estado da Indústria e
Tecnologia

Eng. João Martins Pereira

Ministério da Indústria e Tecnologia

R. da Aurora Seta

Lisboa



MARTINS PEREIRA
SC1. VIDA PUBLICA
SSC1. SEIT
SR10. CORESP. / 17-19



O CORREIO DE
PORTUGAL
Esc. = 06.00 =
EXXV = 048 =

IMPRESSOES

Exo Senhor

Engo João Martins Pereira
Ministério da Indústria e Tecnologia
Praça do Comércio

LISBOA 2



seara nova
Rua Luciano Cordeiro, 103-1.º
LISBOA-PORTUGAL

SÉRGIO RIBEIRO

R. do Sol do RATO, 27 1/2

LISBOA 2 684067

MARTINS PEREIRA
SC1. VID/PUBLICA
SSC1, SEIT
SR18. CORESP. 18

Caro amigo João Martins Pereira

Lei, sublinhei, "invite-me", vivi a
tua decisão e a tua justificação. Lembre-
me isto para a minha juízo. Talvez im-
pil cheis de vontade de não o ser.

Pelo mesmo com amizade e co-
mendação.

Espero uns dias ... mando-te
assim como para o Garrido e Sampaio
e para a Leão Nra.

Um abraço d. Rui

31/7/75





MARTINS PEREIRA
SCT. VID./PUBLICA
SSEI, SEIT
SCT. COBRESP
Com os cumprimentos da



SEARA NOVA

Rua Bernardo Lima, 23-1.º Esq.

LISBOA-1

Telefones: Geral - 513 02 / 53 08 69 - Assinantes 53 79 35 - Redacção 53 79 66

CARTA À CONCIDADÃO

- particularmente para Martins Pereira, Cravinho e Jorge Sampaio

MARTINS PEREIRA
SC1. VID. PÚBLICA 1/20 1/12
SSA, SEIT
SR. MARTINS PEREIRA, Cravinho, Sampaio

Em plena crise política, no final da semana quente de Julho, apareceram a público dois documentos que se propunham para reflexão sobre o momento português. Uma carta explicação de demissão de João Martins Pereira e um documento de análise política elaborado e da responsabilidade de João Cravinho e Jorge Sampaio, ambos dirigidos e entregues ao Presidente da República e ao Primeiro Ministro.

Os dois documentos são, e afirmam-no expressamente os seus autores, também um desafio ideológico. Mas são um desafio ideológico que não é estéril ou de convite à distração. Por isso esta resposta nos salta e porque em nada pretere a indiscutível prioridade à participação, à acção prática. Por outro lado, incluindo-se os autores, tal como nós próprios, no extracto social que beneficia - e sofre - de uma preparação universitária e intelectual que faz, ou pode fazer, prevalecer a análise crítica, só nela se fundando a acção de prática política, mais irresistível se torna o impulso ^{nr} para responder ou ~~é~~ aceitar o desafio sem endereço que, no entanto e ainda por cima, vem de velhos amigos e companheiros de tantas e pequenas lutas.

Para começar estariam já vislumbradas algumas questões prévias como discutir, agora, para quê e com quem. Aceitamos o que consideramos um desafio ^{nr} e respondemos-lhe atirado ao concidadão, com vontade de contribuir ~~para uma praxis~~ para uma praxis mais correcta, e porque foi assim que o interpretamos e só assim nos faz vir a terreiro sem sermos chamados, e até vencendo algumas inibições. Mas essa tentativa de contribuição é também um dever quando se tem a convicção de que haverá algo útil em tudo o que se possa dizer numa troca de pontos de vista que se oriente no sentido da prática, de uma procura de prática correcta.

Desde logo se poderia colocar a dúvida sobre a justeza de arrancar nr uma reflexão a partir de dois documentos diferentes e bem diversos nas atitudes que cobrem ou justificam. Acontece que, como "desafio ideológico", se apresentam como duas interpretações do momento português - a meados de

Julho - que revelam muitas semelhanças, e o facto dessas semelhanças, ou até justaposições, escotarem posições práticas diferentes não é inócuo para o "juízo" das coerências ou faltas da dita, em termos de praxis.

Encontra-se, nos dois documentos, uma concepção geral de análise política do momento que interpreta, e se traduz, por uma afirmação de polarização da tensão política ao nível de dois partidos - o Socialista e o Comunista -, apagando-se outras manifestações e características. Como, por outro lado, se afirma a necessidade - e nos dois documentos - de se definir um bloco social de apoio revolucionário, a ultrapassagem da situação de empenho e de crise estaria na defesa da revolução a partir do UPA e acima ou contra os partidos, procurando-se formas de constituir uma apartidária base social de apoio.

Começaríamos já aqui a colocar o "dedo na ferida", a nosso juízo e entendimento. Não podemos aceitar qualquer interpretação que desvie o cerne da questão política portuguesa de uma confrontação entre classes sociais, por muito atraente que seja o desvio ou a revisão. Se a polarização da tensão é bi-partidária, simplista seria dizer que um partido representaria uma classe e que o outro seria o legítimo e exclusivo representante da outra. No entanto, embora simplista e esquemática, tal extensão da interpretação bi-polar talvez deixe de o ser se se acrescentar que a polarização não é entre os partidos mas sim entre eles e o que, na luta de classes, juntam à sua volta tornando a polarização classista. Assim teríamos as classes em confronto e os seus aliados naturais, e também os ludibriados, e também as hesitações...

Não podemos deixar de salientar, reforçando, que as tensões políticas têm sempre, enquanto a sociedade se dividir em classes, a sua raiz fundamental no "estado" da luta de classes. Particularmente nas fases de transição tal se torna mais claro pois uma classe procura segurar o poder, ampliando as conquistas já alcançadas, e a outra procura preservar o domínio que per

de, opondo-se violentamente às transformações, aproveitando tudo e todos, e muitos são os que aparecem aproveitáveis...

Nas as semelhanças entre os dois documentos, se existentes na interpretação de fundo do momento político, reflectem-se numa certa terminologia que será de anotar. É a procura de projectos, apriorístico ataque dos problemas e situações. Esses projectos seriam definidos a partir do que se pode considerar um condicionalismo bem limitativo de quem vê as coisas nascerem na própria cabeça e não sentidas na própria carne. É também a utilização do verbo instrumentalizar (do MIA) e o receio da instrumentalização, expressão-conceito na moda, e em relação ao qual podemos dizer que não temos nada contra em absoluto, pois não nos parece que o "braço armado" seja outra coisa do que a instrumentalização ao serviço das "classes" mais desfavorecidas. A questão que se poderia levantar é sempre a de qual a finalidade da instrumentalização e da participação do MIA na sua própria instrumentalização, para que ela seja feita assumindo todas as responsabilidades para com o Povo português.

Por outro lado, os documentos têm as suas diferenças. Os objectivos a que serviram as tomadas de posição ideológica são diversos, mas as próprias expressões têm cambiantes que são mais coerentes com as diferentes ilacções práticas do que com o aspecto ideológico. Assim, o documento de Martins Pereira é um documento de desistência, pelo menos enquanto os outros não lhe criarem condições para que ele possa fazer. Por isso mesmo é um documento azedo, negativo, de "suicida". É bem pena. Não comentaremos esta característica, em si mesma, passando, no caso da polarização partidária, por sobre a apreciação paralela dos partidos, em que há simplismos recuperados e falseadores, além de afirmações inqualificáveis - e de tal modo excessivas que não as tomamos como inteiramente reflectidas para um homem como conhecemos o seu autor -, afirmações ao nível da dentada raivosa.

Então como responder ao "desafio", nas suas expressões, para além desta espécie de introdução, e sem a intenção de fazer mais do que pegar no

(num) testemunho?

Será um método discutível mas parece-nos directo e útil o de pegar em frases que nos mereceram comentários à margem, e fazê-los como contraponto das frases. Não se trata de escoretejar textos para aproveitar parte deles fora do contexto, como peças separadas de um "puzzle", mas sim o de fazer os comentários tendo o ponto de partida desta introdução, vendo as "setas" de ligação e procurando não trair o espírito dos documentos no seu conjunto.

Começamos pela carta-demissão de Martins Pereira quando ele faz a "clara afirmação" de

isenção partidária

perguntando que quererá isto dizer, que significado pode ter uma expressão destas?

Por outro lado, a atitude é auto-qualificada

significa que se tem a coragem política (coisa que tanto tem faltado entre nós!)

Era tal parece-nos uma apreciação muito subjectiva dando azo a uma valorização de contribuição pessoal, o que não será muito normal e menos ainda quando se admite ^{que são} discutíveis - e esta demissão é bem das que o são -, e assim se pretexta uma dramática abertura à explicação pública (e sem ro deios) de

aparente suicídio político

que se lamenta!

Logo depois, MP ainda escreve que

a este pequeno luxo se podem dar aqueles que, não recebendo ordens de quaisquer grupos ou partidos, mantêm o privilégio (e a vulnerabilidade, também) de pensar pela sua própria cabeça

Mas que quererá isto dizer, além de reforço de incontrollada auto-valorização pessoal? Temos a confissão do privilégio óbvio de quem tem uma cabe

ça que pensa sózinha, mas que se torna particularmente vulnerável porque se considera "isenta" e "independente"; privilégio e vulnerabilidade da cabeça que pensa ... que pensa sózinha, fora de "aparelhos", sem "disciplina", o que -malevolamente- diríamos corresponder a pensar (e agir) indisciplinadamente e a saltar de "aparelho" para fora deles ou ^{de uns} para outros, sem em nenhum se fixar, para nenhum modestamente contribuindo. Haverá um "pensar pela sua (orgulhosamente só) própria cabeça"?

Não adiante, diz que talvez

o "drama" histórico da revolução portuguesa esteja no facto de que o bloco social mobilizável por um projecto revolucionário de socialismo fortemente participado não se possa confundir rigorosamente com as massas mobilizáveis por qualquer dos partidos (como seria tudo fácil em tal caso!)

Será este o "drama" histórico da revolução portuguesa? Na prática social, essa confusão rigorosa será alguma vez possível? Afirmamos que não... mas daí à conclusão de que existe (fora dos partidos, ou acima, ou contra eles) uma

questão do bloco social mobilizável

como se escreve linhas abaixo, é entrar em órbita e em riscos de centrifugação relativamente a uma concepção de luta de classes. Aliás, é aqui que há ~~nenhum~~ completo acordo entre JRP e JC & JS, para além da terminologia "projectista" ~~em~~ e "blocófila".

Ora este é um "busilis" ... ideológico. Nem pontualmente nos parece possível definir ou delimitar claramente qual o bloco social (como pedem os documentos) de apoio a uma revolução socialista. Há uma classe social que a faz, através da sua vanguarda e das alianças que ela consiga mobilizar. As massas mobilizáveis por um partido do proletariado farão a luta da classe social de que esse partido é a vanguarda organizada, a parcela da classe consciente do seu lugar, papel e força. O bloco além da classe ^e ~~em~~

luta é outra coisa, avançará talvez alternativas (ideológicas), mas o que nos parece claro é que sai do contexto classista e revolucionário quando se lhe procura determinar os limites. Questão de opção de base ideológica... e apetecer-nos-ia comentar o interesse e ^a encanto aliciante das fórmulas contrifugadoras ("Garauchianas" e outras) para quem nunca se sentiu atraído contripetamente, embora sempre tenha mantido (houa lhes seja!) pontes e diálogo.

Mais adiante escreve Martins Pereira que há, entre as forças que conduzem o processo de transição, uma componente "populista"

de onde sem dúvida terão partido as suas acções mais profundamente revolucionárias

o que nos faz lembrar Lenine e pensar que muito ele esquecido por quem não aprendeu ou não quer aprender na sua própria prática! Somos levados a anotar esta frase, também reveladora de outra fórmula de aliciante centrifugação, e para lembrar a diferença fundamental entre acções "revolucionárias" e objectivos revolucionários, entre meios e fim, para salientar como tantas vezes ^{se} concretiza luta contra-revolucionária através da sugestão e estímulo de meios e acções considerados profundamente revolucionários.

É bem claro que a revolução exige, como Martins Pereira o reconhece,

exige uma disciplina e uma contenção que a maioria dos portugueses ainda não conheceu desde o 25 de Abril

o que, para além do acordo quanto à urgência imperiosa de medidas no sentido de impor o que não se assume espontaneamente, nos leva a perguntar se, entre as formas de disciplina, não estará a de levar a própria cabeça a pensar e a fazer agir colectivamente, e se, entre as formas de contenção, a de não tomar posições de "corajosa" independência e individual isenção, por muito revolucionária que se adjective^m?

Mas quando lemos que

indispensável (seria) que o MFA fizesse publicamente uma profunda autocrítica

quereremos perceber? A autocrítica deve procurar as suas raízes quando? A 24 ou a 26 de Abril de 1974? Quando o MPA estiver em condições de estabilidade para fazer públicas autocríticas, ainda será MPA, de tal modo há quem desaje a autocrítica e o regresso aos quartéis? E terá, então, atingido o nível de "isenção revolucionária e de descomprometimento partidário? Há conceitos e práticas que exigem tratamento com delicados cuidados ideológicos. Por exemplo: autocrítica, como praxis que é.

Depois, e porque Martins Pereira foi responsável pela indústria durante algum escasso tempo, e foi dessa responsabilidade que se demitiu, afirma que

a indústria "segura-se" no dia em que se "segurar" a economia

Qual a primeira coisa (causa?!) a "segurar"? É a "segurar" quem e como? Parece-nos ~~que~~ que tal frase traduz uma perspectiva demasiado perigosa por ... excessivamente isenta. Cada um, e com mãos de revolução, de classe operária e seus aliados, tem de "segurar" o que estiver "a jeito". Se não o conseguirmos fazer nem sequer nos escapa dos dedos o que não chegámos a agarrar. Chegarão as mãos dos que não querem perder o já tacteados? Entre elas inventario as de João Martins Pereira, apesar do que escreveram quando a cabeça trabalhou talvez demasiado sózinha.

Passemos, agora, ao documento de João Cravinho e Jorge Sampaio. Quase logo a abrir escrevem sobre

uma crise geral do sistema, fundamentalmente resultante de a burguesia se mostrar incapaz de governar e de o proletariado não ser ainda capaz de o fazer

Assentemos na crise geral do sistema como ponto de partida de acordo. Mas ... tratar-se-á do mesmo sistema ou teremos dele uma mesma concepção? Ao proletariado não se pode colocar a alternativa, ou esperar dele a capacidade, de "governar o sistema" que está em crise geral, segundo a

nossa concepção.

Na transição do capitalismo para o socialismo, simultaneamente com a incapacidade da burguesia para gerir o capitalismo e a sua própria crise, aparecem os reformistas, os sociais-democratas, e outras correntes, procurando dar uma "ajuda", enquanto o papel do proletariado (da sua vanguarda) será a de lançar as bases de um novo e outro sistema, não sobre os escombros materiais do sistema em crise mas procurando dele aproveitar o que sirva o futuro definido em outras e novas relações de produção.

Os autores revelam a preocupação de não se

privilegiar correntes minoritárias mas dotadas de gran
de coesão interna e maleabilidade táctica

Desde já, e para clareza de expressão de pensamento, porque não dizer o Partido Comunista Português? /como se mede a "minoridade" das correntes? Medir as correntes para as adjectivar de minoritárias é perigoso - revolucionariamente - quando as bitolas que se impõem (ainda) são de tipo tecnocrático-estatístico, com objectivos de 50,1%!... Por outro lado, a melhor observação e o comentário mais a propósito está linhas abaixo, e citamos os ^{do} ~~autores~~ documento mais na procura de uma coerência que na denúncia de con tradições

o proletariado necessita da mediação de uma teoria revolucionária veiculada por uma vanguarda organizada numa ou mais organizações políticas

Não será arriscado afirmar que as vanguardas organizadas começam sempre por ser correntes minoritárias que têm necessidade de grande coesão interna e maleabilidade táctica para serem revolucionárias, praxis de uma teoria. E se é verdade que "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário", também não o é menos que esta teoria se elabora com base e sob controle de uma prática que a rectifica constantemente. Tudo é particularmente comprovado, e nós portugueses sabemos-lo bem, quando essas vanguardas têm de ser a resistência clandestina a regimes violentos, opressivos até à brutalidade e bem implantados. Não será a vanguarda a parcela consciente de

uma classe, mobilizando-a para si, a partir do que ela é em si mesma, e chamando à luta os aliados naturais ?

Depois, no documento, pode ler-se algo sobre

projecto próprio, claramente independente dos esquemas defendidos pelas forças partidárias em presença

Que se procura ? Um projecto ideal ou um caminho que, à medida que se percorre, no sentido de opções de base, concretiza e define os contornos de uma estrutura social? Bem nos parece que a "projectofilia" é a tradução de uma atitude política intelectual que antes constroi projectos na própria cabeça, antes conceptualiza o resultado da acção a concretizar que procura um norte para a acção, além do que recusa o que é partidário mesmo que partidos afirmem não terem modelos rígidos ^{mas} ~~para~~ objectivos bem claros e fixados na essência da estrutura social. É agindo para que se atingirá o fundamental nas formas e nas expressões de enquadramento e estruturação so bre o essencial.

No documento tudo se encaminhava para a referência aos

aparelhos em confronto na possibilidade de virem a ins trumentalizar ~~o~~ o Movimento em seu exclusivo benefício

Ao já observado, até sobre terminologia, acrescentaríamos que esta frase é bem grave acusação ... talvez sobretudo para o Movimento fraco e instrumentalizável! É sobretudo delicada porquanto logo repete também a terminologia dos "projectos políticos" e esquematiza a polarização em "social-democracia" e "capitalismo burocrático e dirigista". Particularmente grave nos parece - no plano ideológico - a acusação ou catalogação de "capitalismo de Estado, etc.". Que contornos ideológicos tem tal classificação, numa perspectiva sociológica de raiz marxista, em que, portanto, as definições assentam, em última instância, na base material, objectivo da actividade de produção determinada pelas relas relações entre os homens? Ainda po deríamos - ideologicamente, e no plano em que nos colocamos para participar neste confronto de ideias - aceitar a polémica em torno de "socialismo de

"Estado burocrático e dirigista" ... como forma organizacional de uma formação social assente sobre relações de produção socialistas, mas a terminologia escolhida coloca o trecho fora do debate a que nos sentimos chamados como cidadãos à procura de como ajudar ao caminho para o socialismo.

Segundo João Cravinho e Jorge Sampaio

há pois que substituir o mundo mítico e confusionista do populismo pela definição clara e sem rodeios do bloco social de apoio à fase actual da revolução

Parece-nos uma substituição do mítico e confusionista pela procura mítica e confusionista de uma definição de bloco social em si mesmo mítico e confusionista. Há uma classe, a sua vanguarda, organizada politicamente em partido, os aliados hesitantes e inseguros quando não no lado contrário ou permeáveis; e há um movimento que se define revolucionário quando se coloca ao lado dessa vanguarda, dela se torna o braço armado, e há todo um Povo a libertar-se na luta de quem para ela se mobilizar visando a transformação global das relações de trabalho.

Passando a um nível de análise, os autores continuam o seu documento referindo o

caso do tão falado mas inexistente "controle" da produção pelos trabalhadores

"Tão falado mas inexistente"? Não será demasiado (chamemos-lhe) pessimismo? Em muitos casos nem é "controle" da produção para até já ser direcção da produção, mesmo quando tal acontece por "cooperativização" do falido e/ou do abandonado! O que importa, e urgentemente, é enquadrar tudo o que já existe e as potencialidades e possibilidades conhecidas e a conhecer. Esse enquadramento deverá concretizar-se num plano de conjunto que deverá ter bem mais do que funções económicas mas também políticas e ideológicas, como dizia Lenine.

Além disso, ligamos esta frase anterior a uma outra mais adiante em que se afirma a "falta de objectivos qualitativos" considerando nós que

~~o mesmo~~

o "tão falado" controle da produção é um prioritário e decisivo objectivo qualitativo.

Aliás, logo se passa a temas diríamos de predilecção

Em Portugal, hoje, o estágio de organização das classes progressistas é tal que a sua vontade se exprime fragmentariamente e ao sabor de conveniências partidárias daqueles que pretendem instrumentalizá-las. Essa a razão da incapacidade de governar em que o proletariado se encontra ainda entre em nós.

Passando sem paragem sobre a confusão ideológica que se pode esconder na imprecisão sociológica "classes progressistas", e sobre a terminologia instrumentalizada, pomos a questão de fundo sobre a afirmação da "incapacidade de governar em que o proletariado se encontra ainda entre nós". Mas .. governar o quê? Não será um deslize tecnocrático a insistência sobre o papel do proletariado no governo do sistema em crise geral? Deixemos isso para a classe que define e beneficia dos objectivos dominantes de tal sistema ... bem como para quem o queira gerir em "santas alianças" ou "governos de salvação". O momento revolucionário é para "agarrar" o poder político e "domesticar" o poder económico, criar as bases de transformação do sistema. Puramente. Não deixando que a economia seja o caixão mas sim a jangada. Com a classe operária, como tal e com os seus aliados, contra a classe burguesa, como tal e com os seus aliados e/ou eventuais leais gestores.

Ora, de tudo isto, e como conclusão - embora não seja a conclusão efectiva do documento -, os autores do que enviaram ao primeiro-ministro vêm afirmar que

é necessário definir para este País um objectivo a atingir, uma estratégia para lá chegar (o que implica a delimitação da aliança da classe que moverá o processo e da estrutura do poder político) e um progra-

ma a curto e médio prazos que aponte para soluções concretas para os problemas concretos que urge resolver

Permitimo-nos propor uma glosa ou alternativa para abertura desta frase tão definidora: é necessário fazer respeitar, na prática política, a definição do objectivo a atingir, e mobilizar para a acção as forças e correntes económicas e políticas que para tal (e quando) queiram efectivamente contribuir, *tal como o numero define uma estratégia* ... subscrevendo o resto da frase sem reservas, até com aplauso e também com a alegria do concidadão que vê amigos e velhos companheiros não se demitirem da procura e da participação responsáveis em acções concretas e governativas.

Na acção concreta, para objectivos definidos largamente mas também bem delimitados ideologicamente nas opções básicas, aí nos encontramos. Sem distrações ideológicas para que outros não as levem a que sejam distrações na praxis,

Gostamos sempre de acabar os nossos escritos com um abraço, explícito ou implícito. Aqui fica ... explícito e amigo.

Sérgio Ribeiro

Lisboa, 21 de Julho de 1975

